
CONTROVÉRSIAS METODOLÓGICAS EM PSICOLOGIA SOCIAL: REVENDO POSTURAS NO CAMPO

METHODOLOGICAL CONTROVERSIES IN SOCIAL PSYCHOLOGY: REVIEWING POSTURES IN THE FIELD

Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo

Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, Brasil

RESUMO

Este artigo se propõe a apresentar o fragmento de um estudo realizado em torno da brincadeira de pipas - atividade lúdica tradicional que se mantém em nossos dias entre crianças e jovens -, mobilizando controvérsias metodológicas eliciadas em campo sobre a postura do pesquisador, sobre o papel dos atores enquanto coautores de nossas histórias e sobre as implicações éticas de nossas escolhas na maneira de abordar nossos pesquisados. Utilizamos como fundamento teórico-metodológico a Teoria Ator-Rede, buscando exercitar uma prática de pesquisa apoiada na necessária polidez inerente à construção do conhecimento, ideia defendida por Despret e por Latour. Para esses autores, uma pesquisa só valeria a pena se, ao seu final, as partes envolvidas tivessem se diferenciado em relação a como eram em seu início.

Palavras-chave: práticas lúdicas; estudo Ator-Rede; controvérsias metodológicas.

ABSTRACT

This paper intends to present a fragment of a study about the popular kite trick - traditional playful activity that survives in our days among children and young people - mobilizing methodological controversies found in research field and placing in check the position of researchers, the actors roles while co-authors of our histories and ethical implications of our choices in the way to approach our searched. We have used Actor-Network Theory as theoretician methodological bedding, searching to exercise one practice of research supported in a necessary and inherent courtesy to the construction of the knowledge, idea defended by Despret and Latour. For these authors, one research would be valid only if, at its end, the involved parts would have been differentiated in relation as they were in its beginning.

Keywords: playful practices; Actor-Network study; methodological controversies.

Contextualizando a pesquisa

Este artigo, fragmento de uma tese de doutorado, tem como objetivo apresentar as controvérsias metodológicas que vivenciamos durante a pesquisa de campo realizada em torno da pipa, brinquedo-brincadeira que ainda se constitui como um poderoso aglutinador de ações entre brincantes de diversas idades e classes sociais, cuja transmissão tem se realizado de maneira eficaz ao longo de gerações. Para flagrar a controvérsia sobre a extinção deste artefato que se manteve vivo em suas possibilidades de eliciar interações e aprendizagens tipicamente informais, nossa fundamentação teórico-metodológica foi a Teoria Ator-Rede (TAR), também chamada Sociologia da Tradução, empreendida por autores como Law

(1997) e Latour (2006). Pela lógica das redes, os fenômenos não são dados, mas produtos de uma causalidade múltipla de agentes muito heterogêneos, cabendo ao pesquisador descrevê-los a partir de um princípio de simetria que leva em conta as várias versões dos envolvidos, muitas vezes díspares. Para Latour (2000, 2004), a TAR se propõe a seguir fatos e artefatos, narrando-os em seus processos de fabricação onde atuam elementos que se conectam para produzir efeitos nem sempre previstos. Neste trabalho, focalizaremos especificamente o papel do pesquisador como mais um nó da rede pesquisada, também sujeito a transformar-se junto com aqueles a quem interroga, o que implica um redimensionamento de posturas, fato que não se processa sem levantar questões, muitas vezes advindas das nossas próprias incertezas.

Discutindo a metodologia

Num primeiro momento da pesquisa em nosso campo-tema (Spink, 2003), debruçamo-nos sobre as inscrições que nos permitiram conhecer a pipa em sua história, daquilo que ficou plasmado nos livros e nos deu acesso a uma quantidade de informações que atravessaram tempos e espaços. Além das entrevistas com pessoas que tinham a pipa como um objeto privilegiado em suas biografias, seguimos a pipa pela observação que dela fizemos, nos vários eventos em que foi um catalisador de associações: nos festivais do papagaio das cidades circunvizinhas e, principalmente, na brincadeira acontecendo nas esquinas e arredores dos lugares por onde caminhamos seguindo o movimento dos grupos.

O acompanhamento desses eventos foi uma das nossas estratégias para produzir inscrições, levantadas por meio das narrativas dos brincantes, do registro das observações da brincadeira durante a temporada de pipas¹, assim como das imagens colhidas durante os eventos, material que utilizamos para tecer a colcha que fez emergir os padrões e texturas de um quadro que temos a pretensão de apenas olhar em uma estabilização provisória, na forma como os elementos desta rede se articulam. Ao invés de nomear nossos procedimentos de pesquisa, optamos aqui por descrevê-los, assumindo as perplexidades vivenciadas no campo.

Um campo-tema mobilizando controvérsias

A opção por fazer um Estudo Ator-Rede levou-nos à utilização de estratégias pouco usuais, levantando uma série de questões sobre a ação de pesquisar e sobre a postura do pesquisador: Qual o papel do pesquisador? Como fazer o conhecimento dos atores que desejamos estudar? A qual distância? Como ficam pesquisadores e pesquisados, ao final da pesquisa? Ao fazermos esta escolha, construímos o entendimento de que o ato de pesquisar implica a aceitação dos riscos que advirão daquilo que não conhecemos e que só farão sentido se nos deixarmos afetar pelas propriedades daqueles a quem pesquisamos, aceitando transformarmo-nos em algo que não éramos no início da pesquisa

Uma das controvérsias se situa em torno da ideia do que seria o “campo” na pesquisa, pois definimos campo não apenas como as porções de chão que percorremos no seguimento dos eventos em que a pipa estava presente, mas, como o fez Spink (2003), considerando-o como “a totalidade de fatos psicológicos que não são reais em si, mas são reais

porque causam efeitos” (p. 21), incluindo todos os elementos presentes nas redes que pretendemos traçar. Segundo esse autor, o campo não poderia ser restrito a um lugar específico onde o pesquisador poderia estar ou não estar. Pensamos que um campo, como qualquer outra entidade que possamos tomar para entendimento, emerge de uma configuração particular, pela articulação de elementos que se mesclam para a produção de determinados resultados. Nessa concepção de campo, estaríamos falando de um “campo-tema”, “processo contínuo e multitemático” (p. 23) em que materialidade e socialidade jogam papéis simétricos e preponderantes na descrição das redes que nos interessam traçar, narrando situações que, em muitos momentos, ofereceram pontos para controvérsias em relação a um modo corrente de fazer pesquisa na academia. Nosso campo-tema é o campo-tema de um objeto que conta histórias nas quais uma multiplicidade de seres, de tempos e lugares distantes, toma parte, incluindo, obviamente, o próprio narrador. Como pesquisadores, segundo Spink, somos responsáveis por tornar o nosso relatório de pesquisa uma história psicologicamente relevante, tentando fazê-lo falar sobre questões que fazem sentido para a disciplina sobre a qual pretendemos fazer contribuições. Acreditamos que o esforço para realizar um Estudo Ator-Rede possa servir como experiência “com” e “contra” a qual pensar, em outros estudos, colocando à prova uma maneira de seguir eventos, ao tomar de empréstimo as orientações encontradas nos estudos etológicos de Vinciane Despret (1996, 2002, 2003) e do que Latour (2000, 2006) considera como características de um Estudo Ator-Rede. Trata-se de uma abordagem que propõe uma outra maneira de situar o pesquisador em relação aos objetos interrogados.

A postura do pesquisador

Defendemos a ideia de que a postura do pesquisador será a de um tradutor, assim como a de um porta-voz e de um fabricante de fatos. Tradutor porque lançará mão das práticas de tradução² já mencionadas em Latour (1985) para transportar parte da realidade que estará pesquisando. Porta-voz, pois estará na posição de quem fala em lugar de algo ou alguém que não pode ou não sabe falar: será aquele que irradia ou que representa a controvérsia e estará tão mais apto a esta tarefa quanto mais aliados puder arregimentar durante a sua pesquisa. Fabricador de fatos pois, através da produção de inscrições, estará alimentando um enorme ciclo de acumulação de conhecimento. Cabe ressaltar que o pesquisador, dentro da postura simétrica postulada pela Teoria Ator-Rede, não ocupa posição de nenhum privilégio frente aos elementos que

compõem o campo pesquisado. Ele é mais um nó na rede, interferindo e sofrendo interferências das ações que estiver acompanhando. Law (2003) diverge da postura asséptica do pesquisador, cumprindo um ritual de higiene tal como “comer grãos epistemológicos; lavar as mãos antes de se misturar com o mundo real para buscar pureza nas produções” (p. 3). Dessa forma, a prescrição de neutralidade perde o sentido, pois se remete a uma concepção de pesquisa engendrada à luz do pensamento moderno que parte de uma divisão purificadora entre saber científico e saber do senso comum. O pesquisador deve estar inteiro – com toda a sua bagagem de vida - e vinculado/misturado ao seu campo de pesquisa: ele também faz parte do campo.

Perguntaram-me onde eu morava. “Aqui no bairro!”, respondi vagamente. “Mas aonde?”, insistiram. Acabei me rendendo: “Ali, naquela casa branca”, confessei. “Ah! Então foi você que abriu a janela e depois fechou, naquela hora, hein?!” Uma amiga chamou-me a atenção quando lhe contei o acontecido: afinal de contas, quem observa quem? Não será esta a posição de simetria que buscamos na pesquisa? Eu não podia estar mais lambuzada de mundo real do que naquele momento. (Trecho do Diário de Campo)³

Trazendo características femininas para o campo da pesquisa, Despret (2002) faz um histórico da atuação daquelas que se tornaram etólogas pesquisadoras, aproveitando a sua posição marginal enquanto mulheres para desenvolver uma outra atitude em relação aos seus pesquisados, contrastando com a forma até então corrente na academia, numa época em que esta era predominantemente povoada por homens e a pesquisa era fortemente balizada pela necessidade de prever, controlar e explicar. Ressaltamos que, em nosso trabalho, a questão de gênero não foi naturalizada nem negada, mas assumida como uma condição da pesquisadora, produzindo efeitos com os quais teve que lidar num contexto a princípio estranho e até hostil. Com essa inspiração, buscamos transformar uma fragilidade em vantagem. As formas de abordar o campo e os sujeitos pesquisados, decorrentes da reflexão de Despret, nos serviram de bússola no que concerne à construção de hábitos que consideramos válidos para qualquer pesquisador que tenha como referência a busca de uma condição de simetria para com seus pesquisados:

- Quando abordamos um grupo para ter o seu acolhimento, a vontade de polidez, na aprendizagem das boas maneiras, leva em conta o interesse daquele a quem a investigação se destina e conduz à negociação de um “meio justo”, de uma boa distância que atenda aos interesses de ambos dentro de uma proposição de transformações mútuas. Esta “polidez no fazer

conhecimento” vê as “boas questões” como sendo aquelas que podem ser engendradas pelo grupo pesquisado juntamente com o pesquisador e que, sendo interessantes para os pesquisados, provocarão também o interesse do pesquisador.

- Num dispositivo experimental que cede espaço ao imponderável da surpresa, a renúncia ao controle permite que outras agências apareçam e possam ser levadas em conta, pois promove uma torção na lógica dos trabalhos eminentemente experimentais, tomando, assim, o número de variáveis e a influência do pesquisador não como efeito parasita a erradicar ou a controlar, mas como um problema a negociar.

- O gosto pelas individualidades, especificidades e contextos traz a multiplicidade e a complexidade dos pontos de vista daqueles que falam e nos fazem falar, nutrindo desconfiança em relação às generalizações, uma vez que a pretensão à universalidade sempre serviu para impor o ponto de vista dos dominantes.

A expressão Ator-Rede realça o fato de que não existe um ator agindo isoladamente, pois a ação está sempre se deslocando na cena, introduzindo alguma diferença numa situação dada, assumindo formas nem sempre antropomórficas. Daí, o termo actante, emprestado da literatura: os elementos cuja ação seguimos não são meros intermediários, mas mediadores. Para Latour (2006), um intermediário é aquele que veicula sentido ou força sem provocar transformação, ou seja, definir seus inputs é suficiente para saber seus outputs. Para um mediador, não basta conhecer seus inputs para predizer quais serão os seus efeitos, pois é preciso levar em conta, em cada caso, a sua especificidade. Os mediadores não transportam simplesmente os elementos: eles transformam, traduzem, distorcem e modificam os elementos que transportam e não são, portanto, inócuos. Um Estudo Ator-Rede marca a sua diferença com relação às outras formas de investigação quando toma os meios ou instrumentos que aparecem na construção dos eventos como mediadores, e não como simples intermediários. As entidades que cenarizam as interações produzem efeitos visíveis, introduzem alguma diferença numa situação dada, fazem agir algo ou alguém e, por isso, devem ser levados em conta e estar presentes em nossos relatórios. Devido às suas ligações com os humanos, os objetos saem da condição de intermediários e passam à condição de mediadores.

O cenário como actante

Algo que me chamou muito a atenção nessas idas ao campo é como o espaço desempenha um papel importante na brincadeira. Não dá pra soltar pipa em

qualquer lugar. No caso desses descampados, em que ainda há vazios de construção, a brincadeira torna-se mais fluida, mais espalhada, em contraste com as pipas empinadas sobre lajes. No caso observado, temos um espaço propício. Em contrapartida, nos centros urbanos mais densamente povoados, os espaços para soltar pipas são literalmente criados sobre as lajes das construções, conforme já tivemos a oportunidade de presenciar, aumentando a probabilidade de acidentes. (D.C.)

Diz Huizinga (1996) que todo jogo tem um espaço considerado sagrado onde se desenrola a ação de jogar, tal como um tabuleiro, uma quadra, um palco, uma arena. Com a pipa não é diferente, mas as fronteiras deste espaço são mais elásticas. Temos claro também que cada elemento da paisagem, neste caso, contribui para que o seguimento da pipa seja absolutamente singular, mobilizando alguns comportamentos que só farão sentido porque fazem parte desse contexto, ainda que encontremos semelhanças com tantos outros.

Seguimos as temporadas de pipas durante os anos de 2005 e 2006 na cidade mineira de São João Del Rei, mais precisamente num loteamento outrora pertencente a uma ordem religiosa, atualmente área residencial ainda moderadamente ocupada, com espaços vazios de rede elétrica e tráfego escasso de veículos, dados que são altamente propícios à prática da brincadeira de pipas que é bastante significativa em todos os bairros da cidade durante a temporada, mas os bairros mais altos, principalmente onde não há uma malha muito densa de fios de eletricidade, são pipódromos em potencial. O bairro Residencial São Caetano é procurado por aqueles que desejam soltar pipas, vindos de diferentes localidades da cidade, pois, além das condições propícias já mencionadas, também está localizado entre três outros bairros e possui espaços praticamente não habitados que são o pasto e o morro da caixa d'água.

Dos atores e do seu seguimento

Não se pode dizer sobre um grupo de pipeiros que esse possa ser representativo de um determinado tempo ou lugar. Há grupos muito variados que falam e agem das maneiras mais diversas. Eles estão, a todo instante, se compondo e se redefinindo na dependência de muitos fatores: as idades, as disponibilidades de tempo, as vizinhanças, as relações de amizade ou rivalidade... A composição dos grupos que brincam de soltar pipas é bastante diferente, se fazemos a observação num domingo ou num dia de semana durante as férias escolares. No primeiro caso, o dos domingos e feriados, os grupos mesclam meninos de idades variadas (entre 4 e 14 anos), rapazes (entre 15 e 20 anos) e até pessoas mais velhas como pais

e tios que aproveitam sua folga para levar meninos menores e soltar pipas junto com eles. Tivemos a oportunidade de verificar que há famílias inteiras (pai, mãe, filhos, filhas, avó, vizinhos, sobrinhos e até cachorros) que sobem o morro juntas para soltar pipas e fazer piqueniques. São grupos que se espalham pelas esquinas, criando redutos de convivência que, por conta da brincadeira, podem ou não rivalizar com grupos de outras esquinas. Sendo a pipa uma brincadeira que atinge, indistintamente, pessoas de diferentes idades, é difícil precisar uma faixa etária específica, uma vez que é essa troca intergeracional o que nos parece ser o dado de maior riqueza na construção das aprendizagens tecidas em torno dessa atividade. No segundo caso, dos dias de férias escolares, durante a semana, em que os pais continuam trabalhando, a faixa etária é mais restrita, podendo variar entre 7 e 20 anos, numa composição de grupos mistos, em que os maiores têm a incumbência de tomar conta dos menores, esses sempre com o compromisso de não se afastarem demais de determinados limites estipulados pelas mães. Os meninos muito pequenos (entre 2 e 6 anos) costumam participar da brincadeira na condição de estarem acompanhados pelos pais ou responsáveis de maior idade (pai ou tio, pai e mãe mais alguém da família, uma avó, um vizinho) que os introduzem na brincadeira, transmitem as regras e zelam pela sua segurança. Por isso, praticam a brincadeira de pipas preferentemente nos domingos e feriados, quando podem contar com a presença dos adultos. A quantidade de brincantes em cada grupo também varia muito. Dificilmente encontramos alguém isolado soltando pipas. Soltar pipas não costuma ser uma ação solitária, pois requer alguém para ajudar em afazeres múltiplos, como puxar a linha, segurar a pipa para erguê-la, desembaraçar a linha quando ela se enrola em algum lugar. Caso seja necessário explorar novos espaços, correr atrás de uma pipa avoadada, disputá-la, ou entrar num "cruzo" com pipas de outros grupos, torna-se menos ameaçador estar acompanhado. Verificamos que a quantidade de meninos varia entre dois e dez por grupo.

Além desse seguimento dos grupos durante a temporada das pipas, realizamos entrevistas com nove pipeiros conhecidos na cidade. São pessoas que guardam memórias da brincadeira praticada em outros tempos, conhecem das artes e artimanhas do ofício e têm enorme prazer em nos oferecer suas narrativas. Acreditamos que as informações colhidas nestas entrevistas nos ajudaram a iluminar as observações que fizemos em campo. Os narradores foram pessoas que encontramos por indicação daqueles que tiveram contato com nossas intenções de pesquisa. O primeiro acesso realizado se deu através de uma colega de

trabalho cuja vizinha, enfermeira, viúva de pipeiro e construtor de pipas, desejou preservar o acervo de pipas deixadas pelo marido, doando-o para a nossa Brinquedoteca universitária. Através das informações prestadas nesse breve contato, pudemos começar a tecer uma rede de pessoas do ramo que iam indicando nomes de antigos parceiros de brincadeira, conhecidos, parentes e até familiares de figuras lendárias na cidade. De alguma forma, cada um deles parecia ter uma narrativa singular sobre sua relação com a pipa. Contamos com um grupo de narradores que se compôs de: um comerciante, uma carnavalesca, um ferroviário aposentado, uma enfermeira, uma professora, um engenheiro da CEMIG, um funcionário público aposentado, um contador, um pedreiro, um dos rapazes seguidos em campo. Nessas narrativas, estiveram sempre presentes os aspectos da paixão quase religiosa pelo objeto, os aspectos da aprendizagem e da sua transmissão, os aspectos de engenho e arte emergentes da tarefa de sua construção. Fizemos a devolução de uma cópia de cada entrevista aos respectivos entrevistados para que pudessem realizar os reparos, tornando-os, dessa forma, participantes e coautores dos textos escritos/transcritos.

Além da transcrição das entrevistas e das observações registradas no diário de campo, as fotos foram outro tipo de material coletado durante as observações. Fizemos tomadas panorâmicas do grupo durante a brincadeira de rua com o compromisso de só divulgar as fotos para a demonstração de algum dado que não expressasse nenhum aspecto pessoal sobre a pessoa fotografada.

Perguntei se podia fotografar o grupo. Os menores se candidataram imediatamente. Queriam se ver nas fotos. Pediram para ampliar as fotos para se verem melhor. Pepê e Lana fizeram pose com as pipas na mão. Lalá pediu para ser fotografada. (D.C.)

As primeiras abordagens

Decidimos fazer o acesso aos grupos que brincavam soltando pipas nas ruas do bairro mediante uma breve apresentação da pesquisadora e das intenções do trabalho com o pedido de licença para acompanhar aquele grupo. Explicávamos que, se houvesse qualquer sinal de constrangimento do grupo, abandonaríamos aquele local e procuraríamos outro grupo para observar, o que nunca chegou a acontecer. Ao contrário, demonstravam interesse e começavam a pedir mais detalhes sobre a pesquisa. Sempre que havia um membro mais velho, fosse adulto ou companheiro mais experiente, era a ele que nos dirigíamos primeiro, facilitando a aceitação de nossa presença. Era esse membro que nos dava o passaporte para conhecer os outros componentes do grupo.

Apesar de ficarem intrigados com a minha presença, creio que o motivo maior para estranhamento dos pipeiros foi o fato de alguém se preocupar em seguir/observar uma atividade praticada tão corriqueiramente. Durante tantas vezes já tinham estado ali no morro falando seus palavrões, pulando o muro das casas, pedindo água, sendo alertados para os perigos do cerol⁴, correndo pelo mato e arranjando confusão com outros grupos de meninos na caça de alguma pipa avoadada⁵ e nunca tinham sido motivo de interesse para ninguém, a não ser para os pares, para os rivais, para os motoqueiros e para os representantes da CEMIG, a companhia de energia elétrica, sempre temerosos em relação aos acidentes provocados pelas linhas cortantes de suas pipas. O fato de alguém que trabalhava na universidade querer observá-los tirava-os da condição de moleques à procura de um lazer barato, passando-os para o papel de protagonistas de uma outra história.

Buscando aliados

Como nas pesquisas de Goodall (citada em Despret, 2002), entendemos a importância de buscar um aliado no grupo do qual desejamos acolhida, pois foi este mediador que nos ensinou as regras de polidez valorizadas no grupo. Com esse elemento, aprendemos as formas de como nos comportar. Tal como em qualquer outra situação em que adentramos numa região na qual não temos uma inserção anterior, torna-se fundamental a busca de alianças. Trata-se basicamente de uma regra de educação, nem sempre respeitada, mas que faz toda a diferença. Por que não traria bons efeitos aos hábitos de um pesquisador?

Na maioria das vezes, foi com os pais que acompanhavam seus filhos na atividade de soltar pipas no morro que estabelecemos contatos para nos apresentar e pedir permissão para seguir o grupo, sempre com resultados de aceitação: uma conversa, uma informação, um tipo de legitimidade que não conseguiríamos sem esse gesto. Como nem sempre havia adultos ou rapazes mais velhos a quem pedir a acolhida, a apresentação podia ser feita a um ou mais meninos que compunham os grupos.

Em uma das ocasiões, foi uma mulher que me introduziu nas regras de polidez do grupo, acolhendo-me e ensinando-me as maneiras de agir daqueles a quem eu observava. Era mãe de três crianças e, juntamente com o marido, vinha soltar pipas na rua de baixo, às vezes acompanhada de vizinhos e parentes, em um grande grupo, tornando-se o meu termômetro, a minha professora, a minha ponte com aquele grupo. A partir dela, pude obter a aceitação do seu grupo familiar, de vizinhos

e aderentes que protagonizaram os eventos em torno das pipas, nos finais de semana durante a temporada das férias de julho de 2005. Por seu intermédio, pude confirmar as fantasias que os meninos nutriam sobre a minha presença, lá no morro.

Alice andava ao meu lado comentando o que os meninos perguntavam a meu respeito. As fantasias expressas eram as mais engraçadas: ela é estrangeira? Por que ela está aqui? O que tanto ela quer saber sobre as pipas? Será que ela é da polícia? Penso que houve um espaço de confiança para que Alice pudesse fazer esses comentários, possibilitando um encontro em torno de apostas comuns, dando-me a oportunidade de fazer uma ligação com o grupo pesquisado. Eu estava pedindo a um membro do grupo que me ensinasse as regras de polidez e hospitalidade daqueles por quem eu desejava ser acolhida. (D.C.)

A busca do meio justo

William James é, segundo Despret (2002), um pensador dos mais polidos por privilegiar, como valor do fazer conhecimento, a capacidade de tornar algo interessante, uma vez que, para ele, um conhecimento só é válido se enriquece a realidade de um mundo já existente, alargando horizontes ao invés de duplicar o que já se encontra nele. James é um defensor do conhecimento que se tece ativamente entre as pontas, pois entende que a atividade de conhecer não está limitada a uma delas. O mundo não está passivo à espera de ser conhecido por um único e poderoso sujeito cognoscente. Se, ao invés, desloca-se a atenção ao que se dá a conhecer, descobre-se que “o que realmente existe são as coisas se fazendo e não as coisas prontas” (citado em Despret, p. 144).

Foi através de Alice que pude negociar distâncias nada usuais entre pesquisador e pesquisados: trocamos presentes; tomei conhecimento das muitas histórias sobre aqueles que estavam ao nosso redor soltando pipas; aprendi sobre como combinar as cores nos papéis de seda das pipas e de como realizar algumas manobras, sobre as regras de boa educação, e, enfim, sobre o trato com o brinquedo. (D.C.)

O “meio justo” em pesquisa, mencionado por Despret (2002), implica a negociação das apostas comuns entre os participantes de um evento, sendo a pipa o elemento em torno do qual giravam os nossos interesses. As distâncias e os papéis não são dados a priori, mas frutos das práticas de mediação que vão ocorrendo entre pesquisador e pesquisados. Diz Latour (2006) que o fato de estar em pé de igualdade com aqueles a quem estudamos não pode ser considerado uma fraqueza, e sim uma qualidade: atores e observadores “estão no mesmo barco todo o tempo e

jogando o mesmo papel na formação de grupos” (p. 51). Os pesquisados não são mais objetos passivos à espera que o saber acadêmico lhes confira alguma interpretação, mas verdadeiros parceiros que nos autorizam a incluí-los em nossas histórias. Não estamos em campo para dizer a eles o que fazer, mas para criar junto com eles algo que não existia previamente ao nosso encontro.

As maneiras pelas quais uma parte se deixa ativar pela outra são muitas e variadas. Durante a pesquisa, ocorre um recrutamento recíproco entre os atores e os observadores, uma vez que esses papéis não são estáticos. Da mesma forma como, ao entrar em campo, nós sensibilizamos aqueles a quem observamos com a nossa proposta, ocorre também de sermos recrutados quando nos tornamos objeto de interesse para eles. A pipa é um objeto extremamente insinuante em suas formas, cores e movimentos, sendo capaz de nos recrutar de uma maneira muito eficaz. Nosso olhar passa a ser treinado para sua identificação na paisagem, de forma que nos tornamos sensíveis a todas as questões que gravitam em seu entorno. Além disso, os pipeiros são seres muito buliçosos e barulhentos. É impossível ficarmos indiferentes aos seus gritos de ordem, de vitória ou de advertência, aos seus pedidos para abastecê-los com água, aos seus chamados para o campo.

Do papel de intrusa, estrangeira, “da polícia”, eu pude abandonar a minha posição de professora e virar aluna, durante a “oficina” para confecção de pipas, improvisada no meio da rua. Algo meu ficou com eles, algo deles passou a ser parte de mim. Nossas histórias se cruzavam. A maneira de me verem e de me julgarem estava mudando.

Junto com Dezinho está JP e vêm chegando mais dois que passo a conhecer: o Zu e o Tanaca. Os primeiros haviam falado de mim para os segundos: “Essa é aquela moça que eu te falei, que tá fazendo o trabalho sobre as pipas”, fez a apresentação. Os segundos queriam saber de mais coisas, do que eu ia fazer. Então, de aproximadamente 12 anos, sentou-se na minha frente e disse que ia fazer uma pipa. Perguntei se podia ir fazendo junto com ele pra aprender. Falava comigo com ares de professor: “Vou fazendo e você vai fazendo também. Assim você aprende!...” Foi assim que saí de lá com uma tarefa para cumprir em casa. Acho que eles precisavam checar meu aprendizado. (D.C.)

“Sob os auspícios da oferenda”

Posso dizer que, em várias ocasiões, exercitamos uma prática comentada por Despret (2002) na lida com nossos pesquisados: as trocas “sob os auspícios da

oferenda”⁶ (p. 150). Por que não? O que me impedia? Talvez alguma daquelas normas de higiene que vê a pesquisa como um movimento de purificação em que pesquisadores têm que se manter resguardados de qualquer mistura com aqueles a quem interroga.

Se eu podia passar tanto tempo com aquele grupo que me oferecia tantas oportunidades, como ficar indiferente às suas demandas? Como não me sensibilizar com os seus pedidos de material que, afinal, só objetivavam a continuidade da brincadeira? Mais discreto da primeira vez, o pedido para que eu levasse linha logo ficou mais explícito, com todas as instruções necessárias ao seu cumprimento.

Os meninos estão com suas varas comentando sobre as romãs que pegaram. Vão embora alegando que está muito calor. Só restam Tião e Lalá. Os meninos param, olham para trás e perguntam se eu tenho “dos grandes”. Outro corrige: “Ela não tem. Ela não solta pipa!” Pergunto: “Um dos grandes o quê?” “De linha”, eles me respondem. Falam que o carretel custa R\$1,40 e perguntam se eu posso trazer pra eles amanhã. Concordo em dar-lhes linha. Dizem que deve ser da marca Corrente, pois as outras são fracas, estancam à toa e não pegam cerol. Dezinho diz que os meninos estão escolhendo demais: “A ‘muié’ já vai trazer linha e vocês ainda estão escolhendo?? (“Muié”, “dona”, “dona do caderno”, “ela” são algumas das formas como se referem a mim). Todos começam a rir. (D.C.)

Em compensação, também podia ser alvo da generosidade dos meus pesquisados: “Ele me dá sua linha para eu segurar e Zu também oferece. Estão sendo generosos com a pesquisadora, provavelmente me dando a oportunidade de sentir a mesma sensação que eles sentem ao puxar a linha tensa pelo vento” (D.C.).

As trocas entre pesquisador e pesquisado são inevitáveis e, assim, espera-se que ocorram dentro de uma relação de respeito e confiança. A etimologia da palavra respeitar nos aponta para o latim *re-spectare*, ou seja, olhar duas vezes (Despret, 2002, p. 216). Trata-se de uma responsabilidade assumida com aqueles que nos permitem misturar suas histórias com as nossas, quando lhes oferecemos o conhecimento de como se tecem as narrativas em que os incluímos. Mais que objetos, trocávamos experiências, ofertávamos, uns aos outros, histórias que podíamos protagonizar juntos. Um dos compromissos assumidos durante o nosso trabalho de seguir a pipa em ação foi o de disponibilizar para leitura o texto do diário de campo e das nossas entrevistas aos respectivos atores/atores.

Enquanto isso, ela sentou-se no meio fio para ler as cópias do diário de campo que eu havia lhe dado para conhecer. Expliquei que pretendia mostrar-lhe o

que havia escrito das observações feitas com aquele grupo. Era para que avaliasse se as observações estavam corretas, se faltava alguma coisa que eu havia esquecido, se eles gostariam que eu retirasse alguma observação inadequada. Ela poderia ler com calma em casa e depois me dar um retorno. Ficou um tempo entretida com a leitura e não se animou a soltar pipa comigo, conforme havíamos combinado. “Está bom de ler. Não estou conseguindo parar”, ela comenta. (D.C.)

Na semana seguinte, Alice me conta que leu as folhas do meu diário de campo para seus filhos, quando iam para a cama dormir, e que as crianças adoravam se ver incluídas naquela história. Oferecer o texto do diário foi uma forma de colocar à prova o meu relato e fortalecer a nossa relação de confiança, mostrando que não havia nada a esconder.

A curiosidade em torno do meu bloco de notas fazia com que alguns deles me pedissem papel para fazer giriquinhos⁷, para desenhar, para escrever ou rabiscar (quando ainda não sabiam ler, como no caso dos menores) e mesmo para lembrar de uma história que tínhamos vivido juntos.

Sheik chega perto, olha meu bloco de anotações e exclama: “Tudo isso?” Outro menino a quem apelidam de Shreck quer saber do que se trata. “É com ela que vocês iam soltar pipa?” Sheik responde que sim e eu acrescento que era quando íamos lá para o campinho e para o morro da Caixa D’água. Dezinho perguntou se este era aquele caderno que eu anotava da outra vez em que nos vimos, há quase um ano atrás. Falei que sim. Os outros meninos ficaram curiosos. Se posicionaram em torno de mim para ver o tal caderno. Li um trecho do que tinha escrito. Um deles achou que era muita paciência de minha parte. “Pra que você escreve?” Explico que faz parte da minha pesquisa registrar o movimento deles com as pipas, para contar essa história. (D.C.)

Tornar-se um aliado

O que seria tornar-se uma aliada de um grupo de pipeiros, ou pelo menos reconhecida como alguém que não lhes faria mal e que, ocasionalmente, poderia funcionar como provedora, defensora ou porta-voz? Como cooptar a pesquisadora em ações que lhes fossem convenientes? Ou recrutá-la em testemunhos para questões que lhes fizessem sentido? Que função atribuir a alguém que só observava e anotava os movimentos realizados no calor da brincadeira? Penso que estes efeitos só podiam ser medidos com o tempo, mas já se esboçavam ao longo dos contatos feitos, em poucas palavras e pequenos gestos. Vale lembrar que as alianças travadas ao longo desta rede foram muito

variadas e não se limitaram aos grupos de meninos de quem segui a brincadeira. Fui aliada e tive aliados. Penso que fui apoio logístico em diversas ocasiões quando forneci elementos que podiam garantir a continuidade da brincadeira, ou proteção em situações de ameaça, como na situação em que eles se refugiaram ao meu lado durante a ronda do Tático Móvel.

Percebo que Lalá se aproxima e se refugia atrás de mim quando um carro da polícia passa por nós. Os policiais nos encaram com uma expressão sisuda, olhando feio para o grupo. Lalá diz que tem medo deles. Os meninos dizem que ninguém ali fez nada e que não há razão para ter medo deles. “Ainda bem que eles não pararam para ver se a nossa linha tinha cerol!” (D.C.)

Ou quando pude assumir a defesa de um deles, intercedendo junto à mãe para que não levasse uma surra.

Subimos a ladeira juntos. Bem no alto, aparece a mãe de Sheik. Ele agora era só um menino assustado que chorava com medo de apanhar. Perguntei se ele queria que eu conversasse com ela. Ele queria. Me apresentei e expliquei que estive acompanhando a brincadeira do grupo durante toda a tarde. A mãe me falou da sua preocupação, pois o perdeu de vista. (D.C.)

Ou quando pude segui-los e acompanhá-los na subida do Morro da Caixa d’água.

Ficaram algum tempo soltando suas pipas lá na esquina, mas um deles propôs ir para o campinho. Houve uma discussão sobre se as mães iam deixar. Mas eles resolveram ir assim mesmo. Perguntei se podia ir junto e eles logo aceitaram. “Ela vai também!”, uns falaram pros outros. Me senti bem-vinda... No dia seguinte, chegando lá, ouvi um “Êêêêhhh!, saudando a minha chegada. Pergunto se as mães sabem que estão ali. Eles responderam que sim e que elas permitiram que viessem na condição de que eu estivesse presente. (D.C.)

Ou mesmo quando percebi que uma exposição com objetos do seu interesse poderia lhes cativar a atenção e valorizar os elementos de sua brincadeira.

Os meninos começam a comentar que viram as fotos⁸ da pesquisa na exposição do Museu. Alguns se impressionaram com a pipa chinesa, em forma de dragão. É nesse momento que tenho finalmente um feedback da presença deles na exposição de pipas. Todos receberam convites nominiais, extensivos às famílias, mas nem sempre eu estava no Museu e, assim, não sabia ao certo quem tinha comparecido. Os meninos sentam no meio fio para conversar sobre o que viram. (D.C.)

Em várias ações, pude advogar pela causa deste grupo e, com o tempo, consegui ser aceita em seu convívio como alguém com quem podiam contar.

Tornar-se um aliado, em pesquisa, para nós, significa que podemos ser afetados pelos interesses daqueles a quem pesquisamos.

Termos de Consentimento ou Termos de Costrangimento?

Nem só de alianças se fez a pesquisa. Como a maioria dos meninos era menor de idade, assumi compromissos perante o Comitê de Ética em Pesquisa para obter o consentimento dos pais, em geral moradores de quarteirões próximos, para esclarecer o trabalho, informar sobre a pesquisa e dar a referência de onde me encontrar em caso de dúvida, legitimando a minha ação durante esse período. Enquanto que, nas entrevistas, todos os narradores aceitaram prontamente assinar os termos, a maior parte daqueles que foram endereçados às famílias dos menores que soltavam pipas não voltou: dos 18 Termos de Consentimento para observação da brincadeira, apenas dois voltaram assinados. Um papel escrito com a demanda de uma assinatura causou grande estranheza em se tratando de uma ação cujo seguimento se daria num espaço público. Houve um consentimento apenas tácito e amistoso. Entendemos que o não retorno dos termos se deu como a ameaça vivida pelas famílias ao encarar um papel assinado como algo desproporcional aos nossos propósitos de pesquisa. Assinar um papel dando consentimento para a realização de uma pesquisa, na rua, num período do dia em que os próprios pais não tinham controle total sobre a ação de seus filhos, não fez qualquer sentido para a grande maioria deles.

Uma outra constatação me surpreendeu e, ao mesmo tempo, me alertou para o risco na pesquisa com menores: passar de pesquisadora à aliciadora. Segundo a fala de um dos meninos, sempre muito transparentes nos seus comentários, uma das mães fez a fantasia de que eu poderia colocá-los num carro e levá-los embora, caso assinasse o termo. Se, na maioria dos casos, como no grupo de meninos que acompanhei no ano anterior, a minha presença podia funcionar como elemento tranquilizador, em pelo menos um caso era motivo para deflagrar fantasias.

Mesmo sem o retorno dos “termos”, entendemos não ter infringido nenhum princípio ético na ação de seguir a brincadeira de pipas num espaço público e aberto a todo tipo de presença. Estar no morro seguindo os meninos era uma ação que qualquer um podia fazer, sendo toda a nossa ação testemunhada amplamente a céu aberto. A presença da pesquisadora era apenas mais uma, entre pessoas, animais, objetos, elementos da paisagem. Temos plena convicção de que essa presença não foi inócua, mas também não foi nociva.

Como já assumido diante do Comitê de Ética em Pesquisa, mantivemos as anotações com a substituição dos nomes por apelidos ora inventados por nós, ora escolhidos pelos próprios meninos que desejavam se reconhecer no meu texto. Assim, ao longo do registro das nossas observações, como menores, os meninos não foram expostos em suas identidades, tampouco qualquer um dos seus comportamentos foi passível de julgamento: limitamo-nos a descrever os atores com a preocupação de que qualquer cena exposta fosse uma oportunidade para subjetivá-los positivamente, jamais como ocasião para o seu assujeitamento, ou para sua desqualificação. Em nosso entendimento, não haveria razão para privá-los desta coautoria no enredo das histórias que eles próprios nos motivaram a contar.

Considerações finais: as boas questões

Segundo Despret (1996), toda questão de pesquisa guarda uma duplicidade de base para a qual devemos buscar um instante de equilíbrio. Perguntar “quem sou eu e como é o meu olhar para que o objeto me apareça tal qual é” seria um tipo de construtivismo estéril calcado no polo da subjetividade. Perguntar “quem é esse objeto e por que o vejo assim” cairia num relativismo enclausurado, por outro lado, no polo da objetividade (p. 136). Uma proposta de pesquisa em Psicologia Social se situaria num espaço “entre”, de construção entre os mais variados actantes. Narrando as diferentes formas de fazer estudos em Etologia, a autora demonstra que uma pesquisa a priorista estabelece, por antecipação, as questões a serem investigadas, de como será feita a manipulação das variáveis, testando hipóteses e impondo ao real os limites das respostas a serem encontradas, à semelhança de um sistema de espelhos. É típica da démarche experimental. Uma pesquisa a posteriorista, em contraste, não coloca nenhuma questão de maneira explícita, pois espera que os fatos ocorram primeiro para depois fazer a emissão de hipóteses. Nessa orientação, recolhem-se fatos anedóticos, tenta-se dar-lhes sentido pela criação de elos entre eles, tem-se mais a preocupação de observar a variedade do que a variação. É típica da démarche antropológica. Entendemos que a nossa pesquisa com as pipas ocorreu num espaço em que, embora não tenhamos nos furtado de perguntas iniciais, privilegiamos as narrativas, a diversidade dos comportamentos, a proximidade com o objeto, o seguimento cotidiano dos eventos para produzir uma história. Mais correto seria dizer que tentamos realizar o nosso trabalho durante o curso da ação nos eventos para os quais concorriam vários elementos nos espaços que percorremos. Não tendo mais a necessidade de purificação da démarche experimental, pudemos

aceitar que a pesquisa fosse feita em lugares nada convencionais com uma intimidade estreita com a vida cotidiana, onde seguimos o curso de uma ação se tecendo a partir de uma causalidade em redes.

Mas como fazer a delimitação de um foco no seguimento do curso de uma ação que se faz de forma reticulada? Como estabelecer “aprioridades” num Estudo Ator-Rede? Quais serão as nossas boas perguntas, levando em conta os interesses dos nossos narradores? Nesse sentido, a pesquisa não se torna mais fácil, pois nos coloca frente à dificuldade de seguir os “atores” que se espalham em todas as direções, colocando-nos diante da necessidade de abdicar do controle total da situação, uma vez que este se revela impossível (Latour, 2005).

Entendemos que descobrir as boas questões é uma ação proporcional à possibilidade de deixar aparecer o inédito, de poder ver algo diferente do que aquilo que o pesquisador foi treinado para observar. Parafraseando Beauvoir no que tange ao devir mulher, Despret (2002) pontua que não nascemos pesquisadores: tornamos pesquisadores, a todo instante, através de nossas experiências e nossas práticas. Metodologicamente, acreditamos que o fenômeno estudado contribuiu para enriquecer as questões de uma Psicologia Social através das controvérsias aqui explicitadas, na busca por uma maneira mais simétrica de recrutar e sermos recrutadas pelos atores dos eventos seguidos.

Para Despret (2002), o que importa, para além de acharmos um meio justo no interesse que nossas proposições despertam, é como podemos nos transformar junto com nossos pesquisados. O que a autora evidencia com esta exigência é, ao mesmo tempo, a necessidade e o risco de que a pesquisa seja uma prática de transformações mútuas. Ao nos transformarmos junto com os nossos pesquisados, vemos que as mudanças não se operaram por substituição, mas pela reunião de propriedades resultantes das trocas efetuadas, à medida que os atores vão se deixando afetar uns pelos outros. Para Latour (2004, 2005), uma boa questão se remeterá ao fato de, como pesquisadores, não só podermos nos transformar junto, mas de sermos capazes de aprender com nossos pesquisados novos modos de entrar na política para a composição de um mundo comum.

Para além das incertezas de um Estudo Ator-Rede que ora podem emergir dos atores e das ações investigadas, ora podem irromper das limitações do próprio pesquisador, a pipa e as ações que se desenrolam ao seu redor são, por excelência, um ninho de incertezas, pois nunca sabemos exatamente o que vai acontecer. Poderíamos com tranquilidade utilizar a fala de um dos meninos que, na caça de

uma pipa avoadada, declarou “quebrar mato no peito” para conseguir seu intento, exatamente o contrário de transitar por uma via pavimentada e sinalizada. Quando colocamos uma pipa no ar, nunca temos certeza de que poderemos recolhê-la outra vez. Como nos falou um de nossos entrevistados e tomamos como uma das preciosas lições aprendidas, a nossa posse sobre o brinquedo é fugaz, mas o que importa é poder colocá-lo no alto: perscrutamos o terreno, a direção dos ventos e a destreza dos adversários; empreendemos estratégias, podendo ganhar ou perder num cruzo; aprendemos a controlar as explosões de alegria, raiva, frustração; realizamos de tudo um pouco para um melhor conhecimento do que estamos nos propondo a fazer. Tornamo-nos diferenciados e não seremos mais os mesmos depois do “jogo”. Os pipeiros do morro do São Caetano já não veem a pipa como uma atividade marginal para pequenos marginais. Num momento em que se discute o quanto uma expressiva parcela das crianças deste país está sendo alijada do seu direito de brincar, revertendo o dinamismo natural das suas infâncias para jogos verdadeiramente mortais, percebemos o quanto lhes faz falta o sentimento de que podem ser parte de alguma coisa que valha a pena. Observamos que, antes na condição de arruaceiros, os meninos que seguimos puderam se ver como interessantes, como “alguém que contava” (Despret, 2002, p. 258). A pesquisadora também mudou. Assumimos uma forma de pesquisar e de escrever que não está mais restrita ao intelecto. Deixamo-nos afetar de corpo inteiro. Depois desse processo, já não olhamos para o céu com ingenuidade: nosso olhar ficou arguto para discernir objetos voadores. Já não sentimos o movimento do ar com indiferença: estamos sempre avaliando sua direção e sua intensidade como se houvesse, dentro de nós, uma “biruta” imaginária para informar nossas pipas e nossos pipeiros se o vento está soprando a nosso favor, ou melhor, contra, pois pipa precisa fazer resistência ao vento para poder voar. Os caminhos percorridos durante a pesquisa estarão repletos de lembranças: o campinho verde do Morro da Caixa d’água, as ruas empoeiradas ou enlameadas, os cavalos e as vacas soltos no pasto, os cachorros vira-latas que nos acompanhavam... Isso sem falar na gente miúda que nos cumprimenta na rua, perguntando quando vamos lançar o livro que conta a “nossa história”, referindo-se ao diário de campo da pesquisa.

Notas

- 1 Meses de maio, junho, julho, dezembro e janeiro (quando não chovia), ao longo dos anos de 2005 e 2006.
- 2 A tradução é um conceito estrutural na TAR, pois se ancora na lógica das conexões, das misturas. Quando um elemento se conecta com outro, opera-se uma aproximação, produz-

se um efeito de passagem, um deslocamento em relação ao que havia antes. As práticas de tradução realizadas pelo pesquisador deslocam interesses, arregimentam aliados, oferecem novas interpretações e mobilizam pessoas e objetos para direções diferentes, criando um nexo que não existia antes.

- 3 Partindo da ideia de ampliar o conceito de campo e para dar simetria às produções realizadas, os fragmentos do nosso Diário de Campo estarão indicados, doravante, com as iniciais D.C., buscando fazer do nosso texto um laboratório de misturas.
- 4 Mistura de vidro moído e cola de sapateiro que é passada na linha da pipa para deixá-la cortante.
- 5 Diz-se que uma pipa é “avoadada” quando a linha que a sustenta é cortada, e essa voa sem rumo ao sabor do vento.
- 6 A expressão “sob os auspícios da oferenda” é encontrada em Despret (2002) para nomear uma situação vivida pela então jovem etóloga Jane Goodall (1979) que, num esforço de aproximação com David Greybeard, o primata que observava, percebe que o oferecimento de presentes (no caso, frutas) produzia um aumento na confiança entre ela e o pesquisado, diminuindo a distância entre eles.
- 7 Nome dado às pipas toscamente confeccionadas com papel de caderno.
- 8 Fotos dos grupos de pipeiros foram tomadas durante o acompanhamento dos seus movimentos cotidianos ou em torneios ocorridos na região nos anos de 2004, 2005 e 2006. Como forma de fazer a devolutiva de um trabalho onde eles também se reconheciam como autores, estes registros compuseram um fotoclip veiculado na exposição de pipas no museu regional da cidade, dentro da programação da IV Semana Nacional de Museus, em 2006, que teve como tema “O museu e o jovem visitante”.

Agradecimentos

À CAPES, ao PPGPS/UERJ, ao prof. Ronald Arendt, ao LAPIP e à UFSJ, pelo apoio durante o doutorado.

Referências

- Despret, V. (1996). *Naissance d’une théorie éthologique. La danse du cratérope ecaillé*. Paris: Les empecheurs de penser en rond.
- Despret, V. (2002). *Quand le loup habitera avec l’agneau*. Paris: Les empecheurs de penser en rond.
- Despret, V. (2003). *Une nouvelle approche scientifique de l’animalité*. Compte-rendu de conference au Centre Social de Cosne sur Loire. Acesso em 06 de abril, 2006, em <http://cdcosne.free.fr/Despr2cr.htm>
- Huizinga, J. (1996). *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1938)
- Latour, B. (1985) As visões do Espírito. Uma introdução à antropologia das ciências e das técnicas. *Culture Technique*, 14, 5-29. Traduzido para *Publicações didáticas*. Março, 1990, por J. M. Carvalho de Mello e C. J. Saldanha Machado.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afóra*. São Paulo: Ed. UNESP.

Latour, B. (2004). *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: EDUSC.

Latour, B. (2005). *Um monde pluriel mais comum. Entretiens avec François Ewald*. Paris: Éditions de l'Aube.

Latour, B. (2006). *Changer de société. Refaire de la sociologie*. Paris: La Découverte.

Law, J. (1997). *Traduction/Trahison: Notes on Actor Network Theory*. Acesso em 24 de agosto, 2004, em <http://cseweb.ucsd.edu/~goguen/courses/175/stslaw.html>

Law, J. (2003) *Making a mess with method*. Acesso em 13 de setembro, 2005, em <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-making-a-mess-with-method.pdf>

Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em Psicologia Social. Uma perspectiva pós-construtivista. *Psicologia e Sociedade*, 15(2), 18-42.

Recebido em: 13/10/2010

Revisão em: 23/02/2011

Aceite em: 10/03/2011

Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo é Doutora em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei/MG, membro do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial, coordenadora da Brinquedoteca da mesma instituição. Endereço: Pça Dom Helvécio, 74. Bairro Fábricas. São João Del Rei/MG, Brasil. CEP 36. 301-160. Email: fatimaqueiroz.ufsj@gmail.com

Como citar:

Queiroz e Melo, M. F. A. (2013). Controvérsias metodológicas em psicologia social: revendo posturas no campo. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 19-29.